



O diário de Hegel: apreensão da eticidade

Pedro Geraldo Aparecido Novelli

Departamento de Filosofia, Universidade Estadual Paulista, Av. Hygino Muzzi Filho, 737, 17525-900, Marília, São Paulo, Brasil.
E-mail: pnovelli@ibb.unesp.br

RESUMO. Diários são mantidos por diversas razões e motivações. Mas, quando se trata de um filósofo, por quê este o faria? Seriam suas razões e motivações as mesmas das pessoas em geral? Diários, assim como biografias, relatam acontecimentos e têm enquanto centro aglutinador os próprios autores. O filósofo alemão Hegel manteve dois diários durante sua vida: um nos anos do Ginásio de Stuttgart e outro coincidente com o período em que atuou como professor de filosofia em Berna. Aí já havia elaborado seus primeiros ensaios. Em Stuttgart Hegel contava com apenas 14 anos de idade e não possuía senão contato geral com a filosofia e suas questões. Poderia tal texto conter algo de interesse filosófico para a compreensão de seu pensamento? Mereceria tal texto a consideração de uma investigação filosófica? A importância de textos juvenis é frequentemente reduzida à curiosidade reunida ao desejo de se identificar traços de genialidade nos mesmos. O que move a presente consideração é a certeza de que os textos do jovem Hegel não escondem o extraordinário por ser ainda revelado, mas expõem abertamente o percurso formador de um pensamento que na idade adulta afirmaria a determinação da historicidade tanto do ser quanto do pensar.

Palavras-chave: família, sociedade, estado.

Hegel's diary: the apprehension of ethics

ABSTRACT. Diaries are kept for different reasons and motives. However, when a philosopher is concerned, it may be asked what his intention was. Were his reasons and intentions the same as those of other people? Diaries, similar to biographies, are about events with the author at the centre. The German philosopher Hegel wrote two diaries: the first was written during his secondary studies in Stuttgart and the other while he taught Philosophy in Berne after he had already written his first essays. In Stuttgart Hegel was only 14 years old and had only a general view of philosophy and its main issues. Could such a diary be of any philosophical interest to understand Hegel's thought? Does it deserve any philosophical investigation? The importance of the youthful texts is usually reduced to mere curiosity coupled to the desire of tracing signs of future geniality. Current investigation does not expose extraordinary issues which were still to be revealed but rather the formation process that later on would point out the historical determination towards being and thinking.

Keywords: family, society, state.

Introdução

Conforme Jaeschke, em Georg Wilhelm Friedrich Hegel Tagebuch (JAESCHKE, 2002, p. 27), não é do feitio dos filósofos escrever e manter um diário no qual poderiam ser apresentadas a vida, as ideias, as preferências políticas e religiosas e até seus sentimentos. No entanto, não se trata de algo absolutamente inédito na história da filosofia bastando para isso apenas citar *As Confissões* de Santo Agostinho. O diário de Hegel é o diário de um estudante, e mais precisamente, o diário de um ginásiano, pois é escrito durante o período no qual nosso jovem frequenta o Ginásio de sua cidade natal, Stuttgart entre os anos de 1785 e 1787. O texto em questão contém 44 páginas no total e se caracteriza por interrupções na sua redação, às vezes por

semanas e às vezes até por meses, o que não é explicado pelo seu redator em momento algum. O próprio Hegel não intitulou tal escrito como sendo um diário, segundo Rosenkranz (1974), ao contrário do que teria atestado a primeira edição e apresentação dos escritos de juventude. Mesmo assim é inegável que se trata das anotações de um ginásiano que procurou registrar os momentos de seus estudos. É difícil precisar a motivação para tal empreitada, pois essa prática não parece ter sido comum entre seus colegas de ginásio, mas trata-se de uma atividade que havia se desenvolvido com certa proficiência na Alemanha de então, enquanto reação à agitação europeia pelas inúmeras guerras e mudanças indicadas pela convulsão social em inúmeros países vizinhos da própria Alemanha. A

autobiografia e os relatos diarísticos assumiram a característica literária de apreensão e conservação de uma ordem sabidamente instável e pronta para a súbita modificação (HOCHKE, 1963; WUTHENOW, 1974). É digno de nota que seu, inicialmente, amigo de estudos em Tübingen, depois um colega de área e mais tarde um adversário, Schelling, manteve um diário regularmente até a idade adulta, porém as motivações do jovem Hegel não parecem ir para além de um expediente prático através do qual certo interesse seria exercitado. Um interesse bastante claro seria a necessidade autoimposta pelo jovem de aprender mais adequadamente o latim, pois em alguns momentos específicos o texto é escrito em latim. No entanto, o jovem Hegel é filho de seu tempo e enquanto tal empreende uma atividade que se constituía em momento da eticidade numa forma da expressão literária.

Diário de seu tempo e não de si no seu tempo

O que o Hegel maduro afirmaria mais tarde em sua *Fenomenologia do Espírito*, isto é, de que “[...] é inegável que nosso tempo é um tempo de modificação” (HEGEL, 2005, p. 18) foi plenamente vivenciado nos anos do Ginásio de Stuttgart. A mudança foi sentida no próprio Ginásio e na condução dos estudos, pois exatamente durante o período no qual Hegel aí esteve houve mudanças significativas tanto nos conteúdos ministrados quanto nos objetivos para uma educação formal. O Ginásio de Stuttgart não era nenhuma escola direcionada sob rígidas perspectivas religiosas, muito embora o corpo docente fosse e devesse ser constituído por professores ligados ao clero. Hegel teve nesse período uma formação marcadamente humanista e mais ainda, se se pode empregar tal terminologia, um ensino com forte viés técnico na medida em que línguas modernas, por exemplo, como o francês e o italiano, eram cuidadosamente ministradas. Ele também teve a oportunidade de adquirir conhecimentos na área da agrimensura obviamente em consonância com a Alemanha de então predominantemente rural. As mudanças que abalaram a quietude educacional estavam vinculadas às ondas iluministas que passavam por toda a Europa impulsionando avanços para além da vertente classista e buscando a adequação às necessidades de uma modernidade em nascimento.

A redação do diário tem início no dia 26 de junho de 1785, dois meses antes de o ginásiano completar 15 anos e se prolonga até 7 de janeiro de

1787. O significado da palavra diário adquire conotações distintas na redação levada a cabo pelo jovem Hegel, pois como já mencionado acima não há uma descrição regular, ou seja, dia a dia, de acontecimentos nem há uma clara exposição da privacidade do autor. É possível inferir a partir de algumas passagens o temperamento do jovem Hegel, porém ele mesmo não apresenta suas reações emocionais nem sentimentais que o teriam marcado. Nas suas anotações, por exemplo, não aparece menção à perda de sua mãe que ocorrera dois anos antes nem sobre as consequências para sua família, pai e irmãos. Certamente, pode-se compreender uma possível sobriedade provinda da influência do pietismo que marcava sua época. A ausência de menção à sua mãe chama a atenção porque a morte desta quase significou também a morte do próprio Hegel. No entanto, é bem provável que a vigência do pietismo possa explicar a interiorização à qual o homem desse tempo seria conduzido. Para além dessa situação particular, evidencia-se ainda que o jovem Hegel não se encontra à frente dos fatos relatados, isto é, ele não é a figura ao redor da qual tudo se desenrola. Ele mostra o mundo obviamente a partir de si na medida em que ele é o autor, mas ele não chama a atenção sobre sua pessoa. De certa forma pode-se dizer que ele se esconde por detrás dos relatos fazendo com que seu diário não seja uma dualidade entre a privacidade e a publicidade. A manutenção de um diário implica a todo o momento que a privacidade seja rompida com a sua subsequente exposição. No caso de Hegel, não há uma gigantesca exposição de sua pessoa, mas é possível pelo menos identificar os interesses do jovem autor e talvez permitir alguma inferência sobre seu pensar e seu sentir. Segundo Montoneri (1979), é viável a identificação de alguns temas que são recorrentes ao longo das anotações do jovem Hegel denotando pelo menos suas referências e parâmetros. Assim, nesse sentido são tratados por Hegel no diário temas como o ambiente escolar do Ginásio de Stuttgart, os professores, os colegas, seus exercícios escolares, suas leituras e algumas de suas reflexões sobre problemas e temas culturais.

Anotações do ano de 1785

No dia 26 de junho Hegel relata, inicialmente, ter ouvido a pregação do senhor Rieger que se caracterizava pela postura pietista e defesa da ortodoxia. Sua fala nesse dia teria sido precedida pela leitura da Confissão de Augsburg sobre a qual o Hegel maduro faria menção num discurso de 1830 como então reitor da Universidade de Berlin.

(HEGEL, 1953, p. 30) A fala do Hegel maduro considera exatamente a relação entre a religião e a política. O jovem relator do diário faz mencionar que pelo menos seu conhecimento histórico recebeu algo mais com a lembrança feita pelo senhor Rieger sobre a já citada Confissão de Augsburg, a reforma de Württemberg, em 1535, o tratado de Praga que oficializou a religião evangélica. Ele menciona também que a denominação protestante resulta da reação ao decreto imperial de Speier no ano 1529. Ele finaliza o relato do dia com uma pequena confusão, pois ao mencionar a data da morte de Lutero ele associa a prisão de Johann, o sábio por Carlos V, porém na verdade deveria haver mencionado Frederico, o sábio que foi também protetor de Lutero.

No dia 27, Hegel cita como o impressionou o livro de história de Joh. Matth. Schröckh (1777) É digno de nota aqui que se tratava de um manual de uso indicado aos professores. O que lhe chama a atenção é o fato de que não se tem aí uma exposição detalhada de nomes e fatos, mas uma preocupação com as razões e ou motivações dos eventos e cita ainda o estado do conhecimento e da ciência em relação ao período considerado assim também como considera aspectos da cultura. O que Schröckh ensina é uma compreensão da história que ultrapasse os limites da exposição factual e a aglomeração dos eventos. A história é, então, pensada e tomada como objeto de investigação em si mesma e passa a olhar para o que ocorre segundo seus significados e implicações para a consciência humana. A filosofia da história hegeliana certamente se serve dessa motivação para seu futuro desenvolvimento na medida em que o Hegel maduro assumirá isso mais claramente como sua perspectiva.

Também é relatada a visita dos professores que era feita mensalmente com o intuito de avaliar o andamento dos cursos e promover alterações se necessárias e, principalmente, premiar e advertir os alunos conforme o caso. Tanto a premiação quanto a punição seguiam procedimentos bem detalhados segundo um código de leis e regras bastante rígido e de insistente divulgação entre os ginasianos. Hegel elenca os alunos escolhidos como representantes das diferentes turmas sendo ele mesmo escolhido com um deles. A principal admoestação no caso foi para que os colegas evitassem o contato com uma sociedade de jovens formada por garotos e garotas que se entretiam de maneira furtiva.

Em 28 de junho observa nosso jovem como as pessoas reagem diferentemente diante dos mesmos estímulos citando o exemplo da notícia de uma mulher que acabara de dar à luz e o quanto isso

alegra uns e a outros causa indiferença. Ao saborear suas cerejas, ouve dos mais velhos que é fácil entregar-se aos desejos mais impulsivos na tenra juventude correndo-se o risco não reconhecido de causar danos à própria saúde. A idade adulta possui mais comedimento e a velhice não se nutre por tantos desejos. Aqui o confronto entre o querer e o poder evidencia-se, porém não há um conflito de ordem moral visto que a cada momento da vida os móveis são sempre específicos. A explicitação da diferenciação constitui o contorno ético que reúne em seu interior a diversidade de manifestações do ser e do pensar. Se aqui se adiantar o Hegel maduro pode-se e deve-se já afirmar que ser e pensar são o mesmo, porém são o mesmo na diversidade.

No dia 29 de junho Hegel reporta sobre Hohenheim, localidade próxima a Stuttgart, alguma agitação entre os camponeses que ele qualifica pejorativamente como '*verwünschte Leute*', gente má, porém sem se deter sobre o que tomou conhecimento. Sua qualificação aos camponeses pretende apreender de imediato a efetividade do ocorrido, algo que o Hegel maduro buscará compreender pelas relações estabelecidas tantas quantas forem possíveis. Como e porque ele chega a certos fatos seu diário não permite saber, mas é inegável que ao indicar ciência do que ocorria ele não se deixava restringir pelos limites do Ginásio. O mesmo dia é apontado como um feriado no qual ele textualmente diz que não o empregou para ir à igreja, mas para passeios com seus colegas. Aqui a ida à igreja parece não se tratar de uma obrigação rígida ou um dever, mas uma possibilidade que os alunos parecem dispor.

No 30 de junho Hegel fala de seu jogo preferido que é o xadrez, o qual ele joga de forma despreocupada no início, sem a orientação *a priori* de um plano. Este é elaborado após as peças estarem dispostas. Ele considera isso uma grande falha, pois é possível ter que se empenhar em seguida na correção de um grave erro. Apesar dessa referência a um prazer pessoal revelando um pouco do jovem pensador e sua formação, a menção foi feita simplesmente para dar conta de um conteúdo para o dia. Com isso, Hegel parece recorrer a essa possibilidade como uma alternativa, porém não seria jamais seu interesse imediato expor sua intimidade.

Em 1º de julho o ginasiano se debruça sobre a caracterização de uma história pragmática a qual entende como a consideração da totalidade da vida de um povo e da relação desse povo com os povos vizinhos. Mais uma vez retorna nosso jovem ao tema da história indicando seu interesse sobre o mesmo que se explicita na idade adulta na sua filosofia como captura da história no pensamento.

No dia 2 de julho Hegel apresenta o que lhe impressiona mais no dia e parece ter sido uma questão posta por um dos professores em aula, ou seja, porque teria Sócrates se preocupado em oferecer um galo a Esculápio mesmo momentos antes de sua morte? A resposta dos colegas vai à direção de uma possível inconsciência de Sócrates pelo veneno. Para Hegel, Sócrates não deseja desconsiderar um costume popular muito embora sua morte se deva ao fato de que o povo entenda que sua conduta é um desrespeito aos seus costumes. Certamente, Hegel não reconhece a contradição aqui presente, pois aquele que desrespeita o povo também o respeita e, ainda, o condenado pelo desrespeito é capaz do respeito com o preço da própria vida. Deve-se, ainda, notar que se trata também de uma das poucas referências a um de seus professores, no caso, ao professor Offterdinger.

No dia 3 de julho Hegel descreve uma conversa com os colegas durante uma caminhada. A ideia central era a de que o bem contém em si um lado também mau. Num dado momento um se separa dos demais e ao se reencontrarem indaga-se o que haveria de bom em interromper uma caminhada e aguardar. Se o prazer do caminhar foi tolhido pode-se considerar que uma queda poderia ter sido evitada ou que um pensamento bom também seria coibido. E acrescenta, assim é o estoico!

Em 4 de julho Hegel menciona um passeio com outro professor, Cless, que o questionava sobre diferentes assuntos. A maioria das perguntas era sobre o curso do Sol o que leva o jovem a indagar o porquê do frio fora de época nos meses de verão. A resposta do professor deve ter instigado o jovem à compreensão da vida do próprio planeta o que certamente produziria reflexos na futura filosofia da natureza de Hegel.

No dia 5 de julho aparecem os livros que Hegel comprou pertencentes ao professor Loeffler a quem ele se refere como seu mais caro professor e guia. Ele empenha 210 crones em livros em grego sobre Aristóteles como sua *Ética a Nicômaco*, em latim prosa sobre Cícero com sua obra filosófica e poesia com *O cristão Virgílio*. O laço afetivo que ligava Hegel ao seu querido professor também motivou a formação de uma pequena biblioteca o que sugere o hábito do jovem pensador da aquisição de livros.

No dia 6 de julho Hegel se detém sobre a figura de seu professor predileto, Loeffler, recordando o tempo em que esteve sob os cuidados deste, os colegas com os quais compunha os grupos de aulas privadas e os trabalhos executados.

O dia 7 de julho tem como assunto a continuação do elogio de Hegel a Loeffler reconhecendo-o como justo e imparcial. Teria ele

presenciado o contrário em outras pessoas no Ginásio? Hegel o identifica como alguém que não se contentava com o preenchimento de formalidades. Isso Hegel vê em outros com os quais teve contato. O talento e a capacidade do professor em questão não eram reconhecidos por todos, pois Loeffler sempre ocupou postos abaixo do que deveria segundo nosso relator. O jovem escancara seu coração ao declarar que guardará a lembrança de seu mestre como um tesouro e termina lembrando ter recebido os volumes da Tragédia de Shakespeare como presente dele.

No dia 8 de julho Hegel expressa o traço característico das mulheres e também de muitos homens que não se livraram dele na medida em que desrespeitam os seguintes versos de Horácio “Espera quando a sorte é inimiga; teme quando é benigna, o coração deve estar disposto à outra sorte”. (FLACCO, 1963, p. 613) Seria este um sinal de que Hegel estaria rompendo com a apreensão da realidade em sua imediatez? Não se deveria assumir de pronto a primeira manifestação? Seriam as mulheres intempestivas? O que sabe o jovem ginasião das mulheres nesse período? O Hegel maduro das *Linhas Fundamentais da Filosofia do Direito* não colocará a mulher à frente do Estado, pois este poderia se perder.

As anotações no dia 9 de julho apresentam a reação de Hegel à superstição de um povo. Ele se refere a uma estória sobre um exército devastador cuja divulgação também se deve a homens que ocupam ofícios públicos dos quais se esperaria alguma luz. Ele se atém à descrição do quadro de destruição expondo a caracterização do mesmo.

Tal exposição continua no relato dia 10 de julho, quando então ele procura desmascarar o exército devastador. Contudo, mais significativo é o fato de que nosso jovem relator encontra-se impregnado da razão iluminista que desafia e abomina toda e qualquer submissão do homem a forças desconhecidas. É curiosa também a reação do jovem à estória divulgada, pois seria algo quase impensável no ano de 1785 ou deveria ser!

No dia 11 de julho Hegel menciona a anedota de que alguns camponeses procuraram a polícia para que vigiasse a volta do exército devastador. O soldado de guarda queria saber se deveria prendê-los caso retornassem e o comandante obviamente respondeu que sim! O medo pode ser, Hegel reconheceria, posteriormente, um poderoso móvil para a virtude, porém nesse caso se trata muito mais de uma crença infundada sobre a qual não se pode sustentar nenhuma prática virtuosa. Esta precisaria ser calçada sobre a autodeterminação do sujeito que não se deixa conduzir por algo no qual não se reconhece.

No dia 12 de julho o jovem Hegel menciona novamente um fato semelhante aos anteriores mostrando como as pessoas acreditam no que querem e que constroem para si a realidade desejada. Mas o que as pessoas tomam como algo que lhes é absolutamente alheio ou fora do controle das mesmas é o que elas mesmas determinaram assim ser. O desconhecimento disso é o que submete as pessoas às dominações infundadas, pois a submissão que se quer e que daí obtém sua sustentação não é autofundante.

No dia 13 de julho indica Hegel sua primeira visita à biblioteca local descrevendo os procedimentos de empréstimo e leitura e que nesse dia pela falta de outras possibilidades leu o trecho sobre a epopeia de Batteaux (1974) em *Introdução às belas ciências*. O jovem Hegel não fazia senão o que se esperava de sua ocupação. Não seria de se estranhar nem o interesse nem a dedicação para tanto. A oportunidade dos estudos na Alemanha de então não atingia a todos.

No dia 14 de julho Hegel menciona a visita de dois de seus professores, Abel e Hopf, com os quais faz um passeio e ouve relatos sobre a cidade de Viena. Abel era professor de filosofia, amigo de Schiller e, posteriormente, professor em Tübingen enquanto Hopf era professor de Física. A emocionalidade está absolutamente ausente nas referências a esses professores comparados a Loeffler.

Em 15 de julho ele se entretém com seu professor Cless, professor de religião, sobre o Fedon de Sócrates de Mendelssohn (1767) e, em particular, com a Figura de Sócrates e de seus acusadores. Era prática comum que professores e alunos fizessem passeios juntos tanto para leitura e discussão quanto para as avaliações. O acompanhamento dos alunos era bastante individualizado.

No dia 16 de julho Hegel relata a morte do secretário da cidade de Stuttgart, Klüpfel, sendo que dois de seus filhos foram colegas de estudo do diarista.

No dia 19 de julho cita a morte do conselheiro municipal, Schmidlin, cujo sobrinho era muito amigo de Hegel.

Em 20 de julho ele retorna à biblioteca para tentar ler *Briefe zur Bildung des Geschmacks na einen jungen Herrn von Stande* 'A carta sobre a educação do gosto' de Dusch (1771), porém esta não é encontrada e ele lê novamente Rammler. Na mesma ocasião joga xadrez com alguém não identificado e vence duas vezes.

No dia 21 de julho sai a passeio com o professor Cless e ouve os sinos chamarem a atenção para a

morte de Schmidlin. Ele se diz tocado pelo soar dos sinos e é levado a considerar o pesar dos familiares. Na maturidade, a filosofia hegeliana suprassumiria a morte como um momento da vida e seria afirmado que a espécie se mantém para além do passamento do indivíduo.

Em 22 de julho Hegel sai novamente a passeio com o professor Cless que o examina a respeito das figuras geométricas divididas entre as formas regulares e irregulares. Seriam essas primeiras discussões o material futuro da tão significativa relação entre forma e matéria para o Hegel maduro?

No dia 23 de julho ele continua a exposição do possível questionamento do professor Cless ou tão somente anota o que teria ocupado suas principais atividades no Ginásio. Isso se prolonga nos relatos dos dias 24 e 25 especificamente sobre o quadrado e as cinco figuras geométricas regulares.

A novidade do dia 29 de julho é que o texto passa a ser escrito em latim. Ele se justifica dizendo tratar-se de uma oportunidade de praticar à força o latim e o faz contando a história de Roma do seu surgimento, ascensão e queda. Ele insiste no fato de que Roma se ergue com e pelos romanos e sua queda se dá pela divisão entre os indicados e os indicadores para o governo. O reconhecimento de um no outro tendo como consequência a unidade deixara de existir.

No dia 30 de julho Hegel se maravilha por ter em mãos *Os deveres e os diálogos* de Cícero de 1582 e se deixam imaginar todos aqueles que estiveram por detrás da confecção deste livro e que foram esquecidos no presente. Ele arremata seu relato dizendo que os homens de hoje tem suas cabeças ocupadas por outros interesses.

Em 31 de julho, por haver o que relatar, Hegel apresenta a história de Adrasto de Heródoto que ressurgue da e na contradição, pois foi mandado para fora da casa paterna por ter matado acidentalmente seu irmão e é acolhido numa outra família como protetor do filho predileto!

Em 1º de agosto tem sequência a história de Adrasto que, ao tentar proteger Atys, o filho predileto de Creso, também acidentalmente o mata. Mesmo perdoado por Creso, Adrasto se deixa levar pela desventura de sua vida e a tira a própria vida sobre a tumba de Atys.

No dia 2 de agosto Hegel se manifesta sobre a língua grega e sua riqueza que também implica em enorme dificuldade para falantes de outras línguas, pois os gregos se isolaram em relação aos outros povos e não promoveram qualquer adulteração em suas orientações em sua conduta cultural. Esse isolamento cultural será explorado pelo Hegel maduro na medida em que indica que um povo suprassume o outro o que os coloca sempre em necessária relação.

Em 3 de agosto a riqueza da língua grega é atribuída à forma de governo que sustentava a extrema liberdade que obrigava todas as decisões serem submetidas ao povo. As deliberações se davam pelo uso cada vez mais refinado da língua. Falar bem era tomado como pensar bem, porém mesmo quando a sofística entrou em cena a língua não deixou de ser valorizada, pois, pelo contrário, seu uso se tornou ainda mais intenso apesar de almejar qualquer fim, mas sempre pelo mesmo meio.

No dia 4 de agosto Hegel adverte que não se consegue acompanhar no presente a beleza da língua, pois o que se tem é a apropriação da mesma nem sempre do modo mais adequado, posto que exija uma distinção para seu manejo.

O dia 5 de julho não recebe relato algum, apesar de ter sido indicada a presente data por Hegel.

No dia 7 de julho Hegel frequenta pela primeira vez um serviço religioso numa igreja católica e se diz admirado pelo sermão marcadamente construtivo sobre o qual não se pode fazer ressalva alguma. Por outro lado, a missa em si não o agrada assim como também não pode agradar, nas palavras dele, a qualquer pessoa normal.

Em 8 de agosto começa a leitura de Tito Lívio com a ajuda do professor Cless.

No dia 9 de agosto Hegel menciona a fama de Lívio pelo interesse de alguém que viaja a Roma somente para vê-lo e não se deixa entreter pelas atrações da cidade para não contaminar o que sua visão já contemplara. A afirmação da idade madura referente ao espírito de uma época sobre a figura de um homem poderia bem ser aplicada também a Lívio. De fato, Lívio será novamente tratado nas *Lições sobre a Filosofia da História* quando da referência ao mundo romano.

Após alguns dias em branco, retoma o diário em 21 de agosto. Ele novamente se mostra muito bem impressionado com a pregação numa cerimônia católica pela sua clareza e precisão e lamenta não poder assistir a outra.

No dia 22 de agosto Hegel manifesta sua admiração pela ação da paixão, especialmente violenta, sobre os homens e comunidades e quais as consequências daí advindas. Ele elenca algumas dessas paixões que trataria nos dias seguintes.

Em 23 de agosto Hegel avalia que o desejo de glória juntamente com o poder tem sido a principal causa de calamidades na história humana, pois é o que explica, por exemplo, guerras insanas como entre Alexandre e Dario. Essa mesma paixão é apontada por Hegel como responsável pela introdução da prática do duelo na Academia Hohe Karls-Schule que ceifou inúmeras vidas de jovens

estudantes. O Hegel maduro apontará a guerra como momento de resolução e de unificação, porém não legaliza tal procedimento como forçosamente necessário embora seja passível de compreensão.

No dia 24 de agosto Hegel não estranha que entre povos bárbaros e incultos não exista senso de honra e amor pelos seus como também não foi de se estranhar que na própria Alemanha isso fosse característico no passado. Na Enciclopédia, Hegel (1995) ironiza a grandeza pretendida pelo povo alemão expressa nos nomes, porém ausente no seu ser. Ainda sobre a Constituição Alemã Hegel criticará a Alemanha por não ser mais um Estado, mas um aglomerado de interesses.

O diário é interrompido e retomado no dia 9 de dezembro com o esclarecimento de que a interrupção se deveu aos exames e a uma doença no período. A doença é indicada por Hegel como uma infecção do lado esquerdo. Tratava-se de um abscesso provavelmente resultado do grande esforço despendido na realização dos exames. (ROSENKRANZ, 1974, p. 92) Ele precisou ser submetido à intervenção cirúrgica o que o deixou acamado por aproximadamente 30 dias. Em 10 de dezembro, ele se refere a um amigo que se muda para Tübingen e pessoas distintas da Alemanha cujo passamento foi merecedor de nota. Hegel parece estar atento ao desenrolar de acontecimentos na sua Alemanha, porém chama a atenção o fato dele atentar para o que se passa em esferas mais gerais.

No dia 11 de dezembro Hegel cita os livros que adquiriu para enriquecimento de sua pequena biblioteca: Lívio, Cícero, Sêneca, dentre outros.

No dia 12 de dezembro Hegel discute a preferência entre a preparação e a repetição. Para Hegel as duas deveriam ser conjugadas, pois fazem conjuntamente o todo! Na impossibilidade das duas, ele prefere a repetição, pois essa significa a mediação do professor que permite que o compreendido pela preparação seja confirmado ou corrigido e imprime o que é sabido.

Em 13 de dezembro Hegel recorda o exame da sexta turma denominado de 'Durchgang', percurso.

No dia 14 de dezembro, presencia a agitação de Stuttgart com o início das vendas para o Natal. São dias de folga que ele aproveita para desocupar-se dos estudos. Esse tempo também é indicado para saudar os professores no Ano Novo e vê nos antigos latinos uma boa ajuda para a sua tarefa.

Em 15 de dezembro Hegel afirma seu propósito de aprender latim, mas também se sente atraído para a leitura de certos autores clássicos os quais procura traduzir e comentar, mas reconhece a inconstância do ser jovem que já encontra dificuldades pela profícua filosofia de certos autores.

Em 16 de dezembro Hegel relata o incêndio da casa de um professor do Ginásio ao qual o pai e ele acudiram prontamente sem muito poder fazer. Apesar de indicar o pavor que assolou os moradores, ele não deixa de indicar que seu pai e ele prontamente buscaram auxílio na vizinhança que reagiu prontamente em ocasiões como esta.

No dia 17 de julho surgem as explicações para o incêndio: a chaminé dizem alguns, porém para muitos foram as brincadeiras da filha moradora da casa.

O diário tem alguns dias de pausa e é retomado no dia 21 no qual Hegel lembra o solstício de inverno e a realização de um pequeno concerto de vozes e cordas em sua casa.

No dia 22 de dezembro Hegel retoma suas considerações sobre as paixões e concorda com o fato de que a busca pela glória também acarretou em algum bem, porém insiste que o bem acompanhado da boa intenção é mais aceitável do que o bem a qualquer preço. Não é o útil que deve ser o objetivo da boa ação, mas a própria virtude. O Hegel maduro não desvendará a ação da intenção e, sobretudo, não desconsiderará os móveis possíveis para a ação voltada para o bem.

No dia 23 de dezembro Hegel se refere à usura ou à dedicação ao dinheiro e à riqueza que se desdobra nos mais variados exageros no trato para com os próximos e os distantes. A posse é um desposuir de si.

Ao mencionar o Natal, Hegel acusa o recebimento de presentes de seu pai e, em especial, o dicionário de Scheller (1783-84) ao qual recorreria inúmeras vezes.

Hegel deixa o diário por alguns dias e retoma em 1º de janeiro com a menção da aquisição de um novo livro de Scheller sobre o estilo e a eloquência no latim.

Ano de 1786

Nova pausa e ele retorna no dia 11 de fevereiro, no qual menciona o aniversário da autoridade local e enfatiza suas obras educacionais. No período de Nüherberg Hegel insistiria na necessidade da generalização da educação como elemento constituinte do Estado enquanto tal. Nas *Linhas Fundamentais da Filosofia do Direito* isso será ainda mais tratado como condição para o Estado livre.

Em 15 de fevereiro prepara Hegel para si uma estrutura a ser desenvolvida sobre a eloquência que ele intenta trabalhar enquanto instituição e voltada para o convívio social, indicando aí suas vantagens e desvantagens. Sua conclusão passa pela valorização da eloquência e suas implicações sociais.

No dia 16 de fevereiro ele apresenta o discurso dirigido aos professores na sua introdução.

No dia 18, continua a exposição de seu discurso agora no seu desenvolvimento. Hegel atesta a convivência social como algo inerente ao ser humano, assim como a solidão também pode ser boa (ZIMMERMANN, 1784), muito embora ele entenda que a necessidade do convívio tenha sido impregnada nele pela sua própria existência na forma do convívio.

Em 24 de fevereiro, explora as vantagens e desvantagens do convívio social. Inicialmente ele apresenta a grande vantagem que advém do aprendizado pelo convívio, por exemplo, com os mais velhos. Por outro lado, a permanência no convívio pode resultar em situações que dificultam a realização de empreitadas para as quais se exige o esforço que vem do recolhimento, da solidão. Ele também considera o convívio com as mulheres e indica que pelo comportamento adequado pode-se aprender muito com elas. Isso porque o sábio jamais se vê diante de solo absolutamente estéril podendo, assim, beneficiar-se de toda e qualquer ocasião.

O dia 6 de março contém um dos mais longos relatos do diário e é ainda a finalização do discurso dirigido aos professores e colegas. A questão tratada aqui é a tradução livre dos clássicos que, pelo pouco conhecimento que se tem do clássico e pela dificuldade resultante da exigência de uma tradução confiável, não é incomum que os jovens se entreguem a trabalhos ligeiros ou pomposos, que, no entanto, não revelam o texto na língua traduzida, mas operam uma adequação e por vezes uma submissão a necessidades do presente. A tradução aceitável, segundo o jovem Hegel, é aquela que resulta da atividade corrente e permanente do traduzir associada à leitura não menos constante dos mesmos clássicos. Isso permite apreender o quanto, por exemplo, uma tradução será mais ou menos calorosa, pois as línguas assim são e somente a sensibilidade aguçada poderá responder às necessidades do próprio texto.

No dia 11 de março Hegel expõe longamente sua consideração sobre a superstição e começa se referindo a tudo que se afirmava sobre os antigos. Estes assumiam a existência de dois deuses sendo um bom e outro mau que lutavam entre si e dependendo de quem vencia tal seria o direcionamento da ação dos homens. Ora, indica Hegel, o mesmo fazem os modernos que pretendem se diferenciar dos antigos na medida em que os ritos religiosos parecem ser barganhas com a divindade. No entanto, a pior das superstições é aquela que delega aos representantes o poder de mediar a relação com o divino sendo que estes se expressam através de palavras que ninguém entende e mesmo assim vem a ser venerados. Vale lembrar aqui a

menção do Hegel do início da *Fenomenologia do Espírito* ao criticar aqueles que afirmam deter a posse do conhecimento como sua exclusividade.

Em 18 de março Hegel cita o que leu num livro não identificado no diário, que há pessoas que não se deixam perturbar por coisa alguma e que por isso possuem um grande aprendizado na escola da experiência. De fato, reconhece Hegel, trata-se de uma atitude valiosíssima, porém ele levanta a ressalva de que a não indignação diante do mal feito contra si ou contra os outros não pode ser contada entre as grandes virtudes. É bem verdade, acrescenta Hegel, que não é necessário chegar ao extremo da ira, porém a indiferença também não pode ser vista com bons olhos. Conclui Hegel que aquele que aprendeu a não se entregar prontamente à ira terá justificativas suficientes ao se indignar diante do repudiável.

Em 22 de março ele observa que a intenção de todos os homens é a felicidade mesmo daqueles que sacrificam a própria vida, pois estes não abrem mão da felicidade, mas sim de uma felicidade temporal. Com tal afirmação, ele se vê obrigado a definir o que é felicidade, porém a sequência do texto possivelmente se perdeu.

A continuação do relato do dia refere-se agora sobre a compreensão de iluminismo que ele restringe aos limites das ciências e da arte. Portanto, como ele mesmo diz, nos limites dos doutos. Ele se furta de considerar a influência do iluminismo sobre o homem comum por não haver estudado o tema suficientemente, mas entende que em linhas gerais o movimento das luzes incidiu principalmente sobre a religião. Com respeito à relação entre o iluminismo, as ciências e as artes ele apreende o movimento deste do oriente ao ocidente assim com posteriormente ele dirá em suas Lições sobre a Filosofia da História que o espírito do mundo moveu-se como o Sol do oriente ao ocidente. Nesse sentido, ele reconhece a importância da civilização egípcia que, segundo ele, até hoje é admirada pelo seu rico conhecimento.

Ano de 1787

A partir de 1º de janeiro ele passa à sétima série e tem como principal preocupação as línguas grega e latina, mas estuda um pouco a matemática, tendo aulas privadas sobre autores clássicos e dedicando ainda parte do tempo à anotação de seus pensamentos e à realização de alguns resumos. O horário de atividades do semestre de inverno indicado por Hegel enumera atividades a partir das 11h até após o jantar e de segunda a sábado. Na tarde do mesmo dia, ele se detém sobre trigonometria e a leitura de *A viagem de Sofia* (HERMES, 1776) e vai ao concerto na cidade no qual se entretém com amigos

que há tempos não via e com a visão de belas garotas. Não poucas vezes Hegel se refere às mulheres e, por mais que seja filho de seu tempo, ele não deixa de manifestar sua consideração e afeição. Na idade adulta, sua visão das mulheres diferenciar-se-á da de Kant significativamente.

No dia 2 de janeiro, menciona somente a redação de estratos da Divagação de Heyne (HEYNE, 1775).

No dia 3 de janeiro ocorre um eclipse total da lua que não puderam observar porque o céu estava coberto. O reitor que estava junto na ocasião contou-lhes que como estudante também saiu a observar o firmamento com um grupo de colegas e foram todos repreendidos pelos soldados que faziam a ronda noturna indicando que eles deveriam a noite dormir e ver o céu estrelado durante o dia!

Em 4 de janeiro Hegel relata as ocupações do dia como visitas, leituras e resumos.

No dia 5 de janeiro, cita novamente as atividades do dia e o que chama a atenção aqui é a leitura e os estratos da Revista Allgemeine deutsche Bibliothek, publicada em Berlin. Ele pareceria ser um devorador de livros, pois também nesse dia relata que numa visita a um amigo toma um livro de empréstimo.

Em 6 de janeiro as notas giram ao redor da matemática e da trigonometria a qual ele afirma não ser tão difícil até começá-la a estudar com afinco.

No dia 7 de janeiro o jovem Hegel menciona que a trigonometria volta a dividir seu tempo com suas costumeiras caminhadas e com essa menção o diário é encerrado.

Conclusão

O Hegel maduro definiria a filosofia como “[...] o agarrar da história pelo pensamento” (HEGEL, 2010, p. 43). Não seria o diário de alguém um esforço para tanto? Não porque se trata de um futuro filósofo, mas o diário de Hegel, como toda atividade humana, encarna e expressa seu próprio tempo. O diário do jovem Hegel é uma clara intenção de apreensão de sua história na história de seu tempo, muito embora não se possa aqui aplicar ao jovem a consciência que expressaria somente muitos anos depois. A consciência que nosso jovem manifesta na redação do diário não é senão a consciência de seu tempo e essa se expressa na elaboração de um texto que envolve obrigatoriamente o pensar sobre o vivido. Como foi demonstrado em algumas passagens é até possível reconhecer que o Hegel maduro retoma certos temas considerados na sua tenra juventude, porém não se trata mais do que uma feliz coincidência. O Hegel maduro não estava previsto em seu diário, mas esse foi uma das suas determinações e apresenta

o caminho percorrido pelo jovem estudante e isso não pode ser dissociado do seu desenvolvimento futuro, pois o grande e imponente filósofo dos anos 30 do século XVIII foi e é a redação de seus primeiros, talvez pueris, escritos. Seu gênio pode ser melhor compreendido no que aparentemente é trivial, mas aí também o extraordinário pode ser vislumbrado.

Referências

- BATTEAUX, C. H. **Einleitung in die Schönen Wissenschaften**. Nach dem Französischen mit Zusätzen vermehrt von Karl Wilhelm Ramler, 3. Aufl, Bd. 1-4, Leipzig: Olms, 1974.
- DUSCH, J. J. **Briefe zur Bildung des Geschmacks na einen jungen Herrn von Stande**. Leipzig U. Breslau: Meyer, 1771.
- FLACCO. O. O. **Le opere**. Tradução de E. Turolla. Torino: Zanichelli, 1963.
- HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do espírito**. Tradução de Paulo Meneses. Petrópolis: Vozes, 2005.
- HEGEL, G. W. F. **Berliner Schriften, 1818-1830, Herausg.** von Johannes Hoffmeister. Hamburg: Felix Meiner Verlag, 1953.
- HEGEL, G. W. F. **Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio**. Tradução de Paulo Meneses. São Paulo: Loyola, 1995.
- HEGEL, G. W. F. **Linhas fundamentais da Filosofia do Direito**. Tradução de Paulo Meneses. Sao Leopoldo: Unisinos, 2010.
- HERMES, J. T. **Sophiens Reise von Memel nach Sachsen**. Worms: Johann Friedrich Junius, 1776. t. 1-5
- HEYNE, C. G. **Accedit index Locupletissimus..** Lipsine: Weidmanns, 1775. t. 1-4

HOCHKE, G. R. **Das europäische Tagebuch**. Wiesbaden: Limes, 1963.

JAESCHKE, W. **Hegels Tagebuch in Georg Wilhelm Friedrich Hegel: Tagebuch aus der Schulzeit in Stuttgart (1785-1787)** Herausg. von der Kulturstiftung der Länder in Verbindung mit der Staatsbibliothek zu Berlin. Berlin: Preußischer Kulturbesitz, 2002. (Red. von Eef Overgaauw, Joachim Fischer und Gabriele Werthmann)

MENDELSSOHN, M. **Phädon oder über die Unsterblichkeit der Seele**. In drei Gesprächen. Berlin: Friedrich Nicolai, 1767.

MONTENERI, L. **Note di diario (Tagebuch I – II)**. Catania: Aldo Marino Editore, 1979.

ROSENKRANZ, K. **Vita di Hegel**. Tradução de Remo Bodei. Firenze: Arnoldo Mondadori Editore, 1974.

SHELLER, J. G. **Ausführliches und möglichst vollständiges lateinisch-deutsche und deutsch-lateinisches Lexicon oder Woterbuch**. Leipzig: Fritsch, 1783-1784.

SCHRÖCKH, J. M. **Lehrbuch der allgemeinen Weltgeschichte zum Gebrauche bei dem ersten Unterrichte der Jugend**. E. Aufl. Berlin: Stettin, 1777.

WUTHENOW, R.R. **Das erinnerte ich: europäische Autobiographie und Selbstdarstellung im 18. Jahrhundert**. München: Beck, 1974.

ZIMMERMANN, J. G. **Über die Einsamkeit**. Leipzig: Weidmanns Erben u. Reich, 1784.

Received on March 27, 2013.

Accepted on June 27, 2013.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.